

Materiais da natureza são transformados em acessórios e utensílios

Euziane Fernandes, da comunidade Jamari, mãe de um menino e uma menina, casada e quilombola, é também artesã no Projeto de Educação Ambiental e Patrimonial (PEAP), que faz parte do Programa de Educação Socioambiental (PES) da MRN. Ela aprendeu a produzir algumas peças de cerâmicas com sua mãe e aprimorou a técnica nas aulas do projeto.

“Gosto muito de participar das oficinas e as outras meninas também, principalmente, pelos desenhos que são ensinados”, conta a artesã do eixo Cerâmicas. Sentimento também compartilhado por Laurinele Figueiredo, da comunidade Último Quilombo. “Eu adoro participar e as aulas são muito boas. Aprendemos a fazer colares, brincos, pulseiras e anéis”, diz a participante da oficina do eixo Biojoias.

O PEAP trabalha com a produção de biojoias e cerâmicas, em oito comunidades quilombolas do Alto Trombetas II. De forma sustentável, auxilia na geração de renda dos comunitários, envolvendo educação ambiental e empreendedorismo. No curso,

tem aulas práticas com aplicação de materiais, palestras e dicas de design de joias e utensílios, precificação de produtos, desenvolvimento de criatividade, técnicas de vendas, entre outros. O projeto impulsiona ainda a preservação do patrimônio material e imaterial.

“Os adornos são produzidos com materiais naturais, como sementes, fibras, cocos, ouriços de castanheiras; a reutilização de resíduos florestais, como folhas, frutos, cascas do cumaru e tucumã, entre outros materiais”, explica Lidia Abraham, especialista em Design de Joias e Artesanato.

“Trabalhamos com os fragmentos de cerâmica que são encontrados no entorno das residências. Esses fragmentos mostram desenhos e adornos bem elaborados de uma ocupação no período de 300 a 1.700 anos d.C. O projeto busca a valorização das raízes quilombolas que, por meio da produção de peças, faz o registro da sua cultura e de seu modo de vida”, finaliza o artesão Hildemar Almeida, responsável pelas oficinas no eixo Cerâmicas.

Apoio às festividades na região

Durante os meses de junho e julho, aconteceram diversas festividades religiosas e culturais na região. A Festa Julhina que movimentou Porto Trombetas, com alegria e diversão, agora também fez parte dessa tradição. O evento foi promovido pela Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo Boa Vista (ACRQBV), com apoio da MRN, e contou com uma diversidade de apresentações populares, quadrilhas, carimbó, pagode, grupos de danças, brincadeiras e muitas comidas típicas.





Comunitários e indígenas concluem curso de Bombeiro Civil

Entre as aulas teóricas e práticas, os alunos que vivem na comunidade quilombola Boa Vista e na aldeia indígena Mapuera, participaram das atividades do curso de Bombeiro Civil: um manuseia os equipamentos de operação com técnicas de combate a incêndio; outro anota os aspectos legais e como usar equipamentos de segurança e alguém simula o resgate de um colega com procedimentos de primeiros socorros.

E assim, após a aula simulada, no primeiro projeto piloto de capacitação, os comunitários celebraram a conquistada formação profissional. O curso Qualificação de Bombeiro Civil foi uma iniciativa promovida pela MRN com suporte técnico do Centro de Estudos Sociais Interestadual (CESI), uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) que atua com políticas antirracistas e de integração dos negros. A ideia surgiu com o objetivo de preparar quilombolas e indígenas para as oportunidades no mercado de trabalho.

O professor e pesquisador Marcelino Conti, voluntário do CESI, destacou que o curso de Bombeiro Civil é parte de um projeto maior de desenvolvimento regional. “A

partir das vertentes de qualificação profissional e elevação da escolaridade, vamos atingir as áreas ribeirinhas e os quilombos no entorno da empresa para que essas pessoas possam competir no mercado de trabalho e tenham geração de renda e, quem sabe, possam preencher as vagas de emprego na própria mineradora”, ressalta.

Casado e pai de duas filhas, Rafael Sena, de 32 anos, não vê a hora de colocar em prática o que aprendeu no curso. “Agradeço a oportunidade desta capacitação. Foram 30 dias de teoria e prática. Meu objetivo, depois destas portas abertas, é que a gente não pare. A turma está focada e em busca de oportunidades” declarou.



“Agora, são 32 pessoas na comunidade Boa Vista, para ajudar, e dizer que, hoje, nós somos bombeiros civis. Nossa expectativa é de que se abram as portas. E não pararemos só neste curso, mas tenhamos outras oportunidades.”

Marilene dos Santos, aluna do curso

Manejo sustentável de copaíba contribui para a geração de renda nas comunidades

E A extração do óleo de copaíba, do tronco da árvore, começa logo cedo com assessoria técnica para um manejo sustentável das copaibeiras, nas comunidades quilombolas do Território Quilombola do Alto Trombetas II. O óleo da planta é muito usado na medicina como cicatrizante e anti-inflamatório, e na indústria de cosméticos para a produção de sabonetes, xampus e cremes hidratantes.

A atividade faz parte do dia a dia de Jonildo Andrade, produtor da comunidade Curuçá-Miri, que conta com a extração sustentável do óleo para ter uma renda extra no mês. “Antes, eu não tinha essa renda da copaíba e, em parceria com a Mineração, consegui esta ajuda a mais para minha família. Desde o começo, eu participo do projeto da MRN, e, com a coleta, tenho mais oportunidades”, ressalta.

Esta coleta é realizada no Projeto Manejo de Copaíba da MRN, com assessoria técnica da Florestas Engenharia, que proporciona treinamentos para que os comunitários possam incrementar a produtividade e sua renda. A iniciativa ainda contribui para o

inventário e monitoramento de copaibeiras da região, envolvendo campanhas de educação ambiental e boas práticas, como plantio e produção de mudas para reflorestamento da área, garantindo a conservação desta espécie. O projeto mantém quatro campanhas ao longo do ano.

Para João Raimundo dos Santos, morador da comunidade de Juquiri Grande, que participa do projeto desde 2017, a iniciativa trouxe mais conhecimentos sobre sustentabilidade. “Para mim e para minha família, o projeto trouxe diversas coisas boas. Nós aprendemos a cuidar da natureza com orientações dos técnicos da empresa, que trouxeram informações para a comunidade que antes não tínhamos”, afirma.

Também são disponibilizados treinamentos de segurança aos comunitários para garantia do bem-estar, que abrange redução de riscos, métodos seguros de coleta e uso de equipamento de proteção. O Projeto Manejo de Copaíba é um dos projetos que compõem o Programa de Educação Socioambiental (PES), em atendimento às condicionantes de licenças ambientais das operações da MRN.

Edital de Projetos Incentivados está com inscrições abertas

Estimular o desenvolvimento de projetos culturais, esportivos e de educação, gerando uma transformação social nas comunidades e municípios, é o objetivo do Edital nº 02/2022 de Projetos Incentivados lançado em agosto. As instituições que possuem projetos culturais, aprovados em leis de incentivo fiscal, podem fazer parte dessa transformação, junto com a MRN. O edital está com as inscrições abertas, de forma gratuita, até 15 de setembro por meio do site da Mineração Rio do Norte (MRN): www.mrn.com.br.





Projeto contribui para a preservação de castanheiras

A castanha do Pará movimentou a renda de milhares de famílias extrativistas da Amazônia, da coleta à produção de alimentos e comidas típicas na região. Uma das famílias que tem o produto como uma fonte de renda, há quase 20 anos, é a da Francisca Gomes, da comunidade de Acapuzinho, conhecida como Vovó Chiquinha.

Durante a noite, ela cozinha a castanha, mistura com ingredientes, cria doces, embala e deixa tudo pronto para, na manhã seguinte, vender na comunidade. “É um produto muito consumido na região, o ‘carro chefe’ dos meus doces. Hoje, a produção de doces é uma das minhas principais fontes de renda junto com a piscicultura; então não pode faltar castanha. Por isso, precisamos cuidar das castanheiras”, conta a doceira.

Para colaborar com a conservação das castanheiras, espécie tão importante à Vovó Chiquinha e ao desenvolvimento da região, a MRN mantém o Programa Banco de Germoplasma, um banco de sementes

criado em 2013. O espaço contém milhares de espécimes de castanha do Pará, vindas de diversas áreas da região Norte e da Amazônia, usadas na recuperação florestal de áreas mineradas

As coletas de sementes que compõem o Banco de Germoplasma da MRN iniciaram em 2014, a partir de ouriços de castanheiras. No total, 260 árvores-matrizes desses castanhais serviram como base para a coleta de sementes, dando início à produção de mudas no Viveiro Florestal da empresa. De 2017 até 2020, mais de 10 mil castanheiras foram plantadas no Platô Almeidas, situado na Flona Saracá-Taquera.

Nas atividades de reflorestamento nas áreas de extração da bauxita, a MRN também envolve comunidades ribeirinhas e quilombolas da região. Os comunitários fornecem uma variedade de sementes de espécies nativas para produção de mudas. Em 2021, a empresa adquiriu mais de cinco mil quilos de sementes, ofertadas por estes comunitários.



“**Há 19 anos, eu trabalho com castanhas e amo fazer doces cristalizados para ajudar na minha renda. Faço coleta da castanha nas árvores, mas também compro na região para complementar os meus pedidos.**”

Vovó Chiquinha